

# A EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR FORA DE SINTONIA

Ricardo Catunda  
Universidade Estadual do Ceará – UECE – BRASIL  
[ricardo.catunda@uece.br](mailto:ricardo.catunda@uece.br)

## Introdução

Este artigo apresenta as relações que a educação física escolar, como disciplina que se responsabiliza pelas vivências corporais em instituições de ensino, estabelece para uma cultura de vida ativa e saudável em adolescentes. Constatamos em pesquisa com adolescentes com idade entre 14 e 16 anos nas aulas de educação física, o distanciamento da disciplina com os reais objetivos que deveriam justificar sua presença na escola.

Apresentaremos os resultados de dois estudos realizados no Brasil e em Portugal em forma de depoimentos de professores e alunos e gráficos. Afirmativa como a dos professores, de que os objetivos da disciplina de educação física são contemplados por ocasião de suas práticas, enquanto os alunos não demonstraram tal compreensão, evidenciaram a falta de sintonia nas relações de ensino e aprendizagem.

A educação física escolar, como componente curricular obrigatório no Brasil (Lei nº 9394 /96) com a possibilidade de apresentar seus conteúdos por meio de diversas manifestações corporais, deveria dispor de maior criatividade para que sua permanência extrapole as questões da obrigatoriedade.

Não se concebe que mesmo em escolas onde a estruturas para as práticas são satisfatórias, os alunos a cada dia sintam-se menos motivados com as aulas. Claro que não podemos ignorar o fato de que, a escola como um todo, necessita renovar-se com atributos capazes de motivar os alunos a permanecerem neste espaço, afora o fato de estarem institucionalizados como parte da educação formal.

Os gestores das escolas vêem a educação física com o mesmo olhar do senso comum de quando eram alunos, ou seja, uma disciplina obrigatória em que muitos deles experimentaram vivências desagradáveis. A participação em atividades pouco significativas, não contribui para o usufruto de um aprendizado corporal que permita a vivência social de uma cultura para a vida ativa e saudável.

No caso deste estudo, localizaremos as discussões em torno da adolescência. As experiências corporais neste período, se abordadas com objetivos próprios para este grupo, possibilitam descobertas, refinamento do movimento, adesão ao esporte e respeito ao corpo, que influenciam diretamente na estima e autoaceitação com reflexos na adoção de um estilo de vida ativo e saudável.

Estudos realizados no Brasil por Catunda (2003) e em Portugal pelos professores Rui Garcia e Paula Queirós, mesmo com abordagens diferentes, denunciam a falta de sintonia entre o que é ensinado nas aulas de educação física e as necessidades dos alunos para mudança de comportamento ou formação de uma cultura física ao longo da vida.

O estudo realizado em Portugal teve como ponto de partida algumas investigações desenvolvidas na expectativa de um verdadeiro entendimento da orientação da disciplina de educação física na escola pública para alunos de 14-16 anos de idade. Foram analisados os programas da disciplina e observado inúmeras aulas em várias escolas da região do Porto ao longo de um ano letivo. Os autores informaram que para a compreensão dos documentos oficiais provenientes do Ministério da Educação foi utilizado como instrumento a análise de conteúdo, enquanto que para a observação das aulas foi seguido as perspectivas do trabalho fenomenológico.

Foram identificadas as seguintes questões sobre a orientação da educação física nas escolas para a faixa-etária 14-16 anos retiradas do trabalho empírico:

I - As aulas de Educação Física orientam-se para valores um pouco distantes daqueles que a literatura aponta como de maior importância para o tempo atual;

- II - A dimensão técnica está presente em praticamente todas as atividades da aula, enquanto que valores como a estética, criatividade e o prazer não são considerados importantes;
- III - O jogo aparece muitas vezes apenas na sua dimensão formal, técnica e tática, desprovido de qualquer outro sentido; e
- IV - Na atividade diária do aluno o jogo desportivo praticamente não existe, havendo um grande aumento da prática de jogos de computador.

Para os autores estes resultados configuram uma disciplina de Educação Física de cariz tecnicista, realçando alguns valores que foram hierarquizados da seguinte forma: 1º - dever; 2º - formalismo, técnica corporal, fragmentação do corpo; 3º - prazer e 4º - estética. Ressaltam que os valores "prazer" e "estética" praticamente não são considerados na prática letiva, sendo por vezes intencionalmente afastados da aula.

O outro estudo que apresentaremos para esta reflexão sobre o significado e responsabilidade da educação física escolar foi desenvolvido por Catunda (2003) em pesquisa realizada com adolescentes de 14 a 16 anos em duas instituições de ensino que apresentava condições estruturais satisfatórias, vasto material pedagógico e professores licenciados especialistas em educação física escolar.

A amostra foi composta por 90 adolescentes sem distinção de gênero. Para coleta de dados dos alunos foi utilizado um questionário sobre a relação existente e percebida entre as aulas de educação física escolar e a influência desta disciplina no estilo de vida dos escolares complementado com o uso da técnica de Grupo Focal com 15 alunos escolhidos de forma aleatória, sendo o encontro filmado e gravado e os depoimentos transcritos. Aos professores foi aplicada uma entrevista semiestruturada.

Os resultados obtidos sobre as relações entre a educação física escolar e a aquisição de estilo de vida saudável continuam a denunciar a “contramão” entre o que recomenda a literatura e o que se efetiva na prática.

### **Importância da educação física no cenário escolar**

Os Professores se contentaram em afirmar que a prática em si pela importância já se justifica, o que também não tem se concretizado durante décadas quando se pretende transformar a educação física que se tem no ambiente escolar em atitude positiva no que refere ao estilo de vida.

Os Alunos atribuem importância pelo fato de que sair da sala para ir para as aulas diminui a monotonia e tensão instalada no excesso de conteúdos teóricos das outras disciplinas. Nesse caso se tem uma fuga da sala de aula, e não uma consciência dos benefícios da prática de Educação Física.

Percebemos que os professores atribuem à suas práticas um alto grau de importância, porém não percebem que práticas isoladas sem informação e comunicação com os alunos, ou seja, o fato de somente se ensinar esportes, jogos ou brincadeiras não tem se mostrado suficiente para influenciar os alunos.

Falando na motivação para frequência às aulas, o prazer praticamente se iguala a obrigatoriedade. Pouco mais da metade (52%) dos alunos afirmam participar das aulas por gostar, bem próximo da participação obrigatória (48%). Esse dado mostra que o fato de ser obrigatória consegue sustentar um índice alto de frequência às aulas. Esse é outro grande desafio aos profissionais de Educação Física, que precisam urgentemente, transformar essa legalidade em legitimidade.

Para Samulski (2002), a motivação é caracterizada como um processo ativo, intencional e dirigido a uma meta, o qual depende da interação de fatores pessoais (intrínsecos) e ambientais (extrínsecos). Para tanto podemos destacar dois tipos de comportamentos e/ou motivações:

## O esporte permanece hegemônico nas aulas de educação física

Os dados fortalecem a tese de que o professor não aborda os conteúdos construídos culturalmente na educação física escolar. O esporte é inegável e valoroso fenômeno que possui grande apelo perante os alunos e devido sua exposição constante gera o desejo de praticá-lo. O que não podemos concordar é que seja este conteúdo único tratado nas aulas.

É fundamental para a formação de crianças e adolescentes, que se considere a pluralidade e as necessidades dos alunos e que e os objetivos da disciplina constantes em seu planejamento seja um guia para a diversidade das práticas.

Aqui devo acrescentar dados que complementam o resultado obtido com as respostas dos alunos. A afirmativa de 55% dos alunos de que outros conteúdos além do esporte são trabalhados, contra 45% que afirmam que, somente os esportes são oferecidos nas aulas, quando discutida no Grupo Focal trouxe-nos a realidade que os números não mostram. O fato de 55% dos alunos afirmarem existir outras práticas, não contempla uma educação física que possa vir a criar atitudes positivas com relação a um estilo de vida saudável, pela forma assistemática e temporal com que ocorrem as outras atividades. O professor parece ignorar o planejamento, não organizando sua ação pedagógica, ocorrendo as outras vivências de forma aleatória, dependente sempre do desejo e vontade do professor ou dos alunos

Algumas falas dos alunos sobre o oferecimento de outras atividades nas aulas que não o esporte: “De vez em quando a professora dá aula de dança ou brincadeiras, mas demora. Acho que deve ser umas quatro vezes por ano. O que se tem mesmo aqui é exercício e esporte”; “É uma chantagem, tudo aqui é como se fosse uma troca. A gente faz o que o professor quer, que geralmente eu particularmente não gosto, para poder ter o que queremos que é brincar de bola”. Percebe-se aí um ambiente que não contribui para que se possa transformar as aulas em consciência para uma vida ativa.

Sobre esta questão, o professor afirma: “Barganha é uma forma legítima de se conseguir com que o aluno participe de nossas aulas. Se a gente não cede para o que eles querem, acaba não conseguindo dar aula”. O que observamos nesse depoimento, é que o professor se transforma em refém da mediocridade já que este é quem deve dirigir as atividades baseado em seus conteúdos e objetivos. Pouco provável que se consiga intervir na formação de cultura, se não se construir sujeitos capazes de discutir e questionar ao invés de chantagear e barganhar.

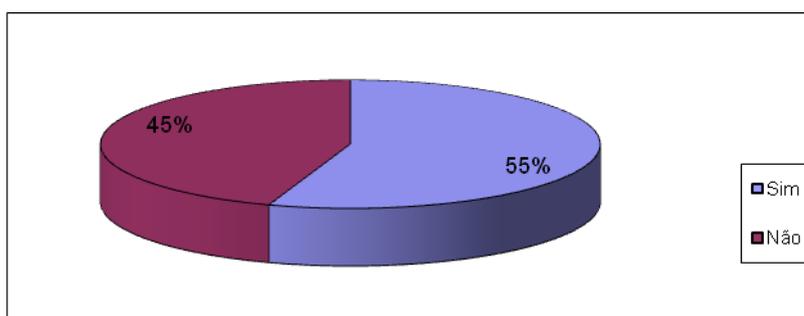


FIGURA 1 OFERECIMENTO DE OUTRAS ATIVIDADES QUE NÃO O ESPORTE NAS AULAS

A Educação Física que almejamos na Educação Básica deve contemplar um esporte que transcenda as questões hegemônicas, isto é, superando a idéia de esporte-espetáculo acelerado pelos meios de comunicação que o coloca no centro de suas programações, transformando o mesmo em mercadoria, isto é, o esporte conhecido na sua prática hegemônica pela mídia nas competições esportivas, não constitui uma realidade educacional, pois não apresenta subsídios de formação geral (KUNZ, 2006).

## A influência da educação física escolar no estilo de vida dos alunos

No que respeita a educação física escolar e estilo de vida, na figura 2, 22% dos alunos afirmam a interferência das aulas no estímulo às práticas extra-escola, enquanto 29% negam esta interferência. Chamou atenção a opção “às vezes” com 49%. Trouxemos a discussão ao Grupo Focal aonde veio à explicação: de forma ocasional e geralmente quando está impedido de ministrar aula “normal” o professor aborda alguma temática sobre a importância da atividade física no cotidiano para uma vida saudável.

Estes dados mostram que o professor ainda não percebeu, apesar dos avanços da profissão e do quadro teórico, que essa questão deveria ser um dos fundamentos essenciais da razão da permanência da educação física no ambiente escolar.

Quanto à questão de estímulo à prática de atividades que possam estar ocorrendo a partir das aulas de educação física escolar, vejamos a fala dos alunos: “Não, as aulas de educação física escolar não estimulam. Acho que isso depende do trabalho do professor. Se ele estimula o aluno ou não, ou se deixa correr solto”; “Tem professor que é só jogar a bola para o pessoal e pronto, não há um diálogo”; “Pra jogar lá fora não preciso do que aprendo no colégio”.

Vejo que os alunos começam a perceber que educação física escolar, na perspectiva com que vem sendo conduzida, não oferece elementos que possam contribuir com mudança de atitude frente à prática regular de atividade física. Isso porque, a prática atual chega a se confundir com um certo descompromisso próprio do que os alunos vivenciam nos grupos de amigos que jogam e brincam nas ruas, praças ou clubes.

Vejam o que diz o professor: “Logo que chegamos à quadra, existe uma pressão muito forte por parte dos alunos, para que iniciemos imediatamente a aula. “Utilizo o pouco momento que antecede a aula, para a chamada e lançamento do conteúdo no diário de classe”. O professor não pode ser refém do desejo dos alunos, pois dele depende ações elaboradas para que se desenvolva uma cultura para um estilo de vida ativo.

Entendemos que, quando o professor principia sua aula, mesmo sabendo que historicamente os alunos só enxergam a prática, deve dialogar com a sua turma. Deve insistir em tornar este momento, um instante de riqueza de informações, que deve transitar da informalidade à experimentação.

É claro que o professor sofre resistências, mas para isso deve usar de conhecimentos e de criatividade na abordagem das informações que os alunos julgam interessantes em princípio e, importantes quando apreenderem sua aplicabilidade para a vida.

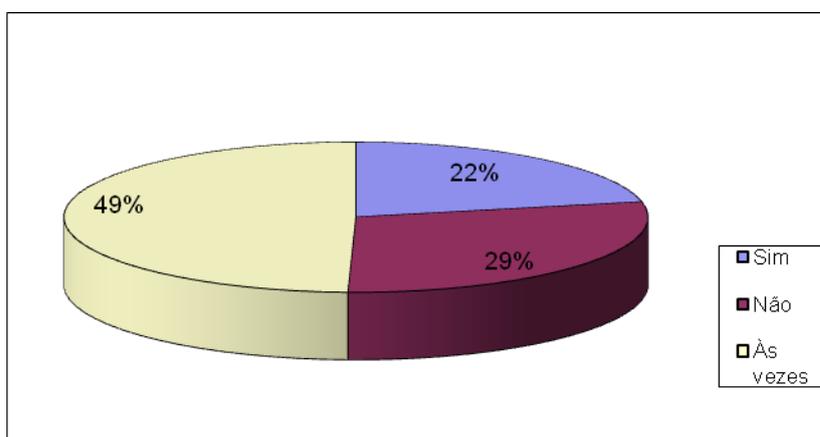


FIGURA 2 – INFLUÊNCIA DA EDUCAÇÃO FÍSICA NO ESTILO DE VIDA DOS ALUNOS

Como afirma Guedes & Guedes (1996) se as aulas de Educação Física apresentassem mais opções de conteúdos os jovens continuariam a praticá-los fora da escola, defendem a

idéia de que a prática de atividades físicas na infância e adolescência colabore para um estilo de vida ativo na vida adulta, diminuindo a incidência de doenças relacionadas à inatividade física. Talvez assim a pesquisa apresentasse maiores resultados em relação à opção “Educação Física Escolar”.

### A relação educação física escolar e qualidade de vida

A maioria dos professores não está contribuindo para que os alunos adquiram saberes necessários para o conhecimento de ações que relacione educação física escolar e qualidade de vida como observado na figura 3.

Na conversa com os alunos, integrantes do Grupo Focal, sobre a frequência das informações sobre os temas relacionados à qualidade de vida e promoção da saúde, o percentual de 74% declara que “às vezes”, o conteúdo é oferecido e outros 17% afirmam que “nunca foram abordados”. Identificamos que tal fato se dá por não se constituírem em ações contínuas e sim raras e inexpressivas. Fala do aluno: “Às vezes leva para o auditório, mas é só uma vez no começo e outra no final do semestre [...] ainda tem outra oportunidade, quando a quadra tá ocupada com ensaios ou outras atividades”.

Ainda nessa questão, retorno aos alunos. O que o professor poderia fazer para mudar suas atitudes com relação à qualidade de vida? “No princípio do ano foram feitas umas entrevistas com os alunos, se dando a participação por sorteio. Uma professora fez uns testes, pesou, mediu e fez umas perguntas. “...ao final me falou um monte de coisas...que eu não me alimentava bem, me mostrou uma tabela de alimentos. Eu acho que é isso que faz a pessoa se interessar mais pela saúde. Pena que depois disso ela sumiu e eu não tive respostas nem fui acompanhada pra saber se mudou alguma coisa”. Complementa: “...é bom um certo estímulo...alguma pessoa chegar pra você e falar sobre o que pode acontecer no futuro se não fizer atividade física”. “...isso deveria ser parte da educação física. Tinha que fazer com todos e explicar o que é melhor...O colégio tem que se importar com o aluno. Assim tá vendo que não está bom”.

Esses depoimentos demonstram que os alunos possuem um certo interesse pelas informações que relacionam a prática de atividades corporais à qualidade de vida. Afirmam que quando a informação parte da escola “pela credibilidade” haverá mais estímulo para fazer atividade física fora dela (da escola). O que os professores precisam, é valorizar as informações que possam desenvolver a cultura para o estilo de vida saudável. Para isso, devem planejar todas as suas atividades incluindo formas de comunicação com os alunos e não somente utilizar o mecanismo da informação quando não houver condições de aulas práticas.

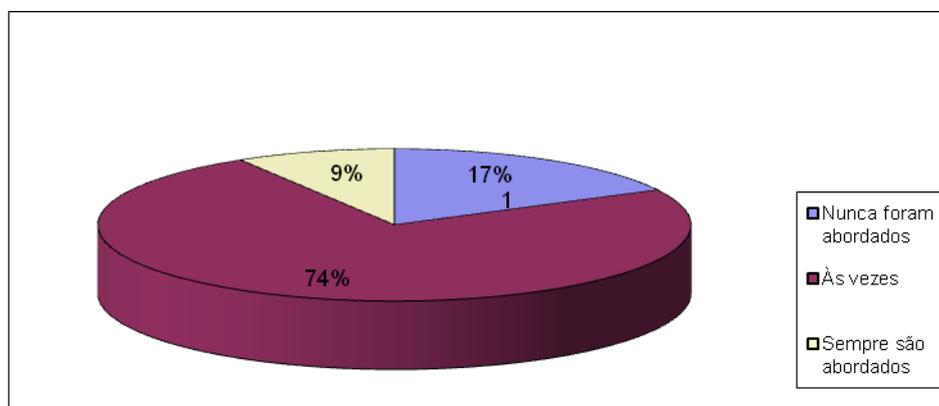


FIGURA 3 – COM QUE FREQUÊNCIA CONTEÚDOS RELACIONADOS A QUALIDADE DE VIDA SÃO ABORDADOS

No Brasil, Novaes (1997) associa a dependência da qualidade de vida à educação, pois acredita que ela ajuda a evitar doenças, sendo determinante do estilo de vida das pessoas, representando o melhor caminho para a ascensão social, através de novas oportunidades.

### **Conclusão**

O estudo mostrou a urgência com que os profissionais de Educação Física e os gestores escolares precisam agir para dar a devida atenção a este componente curricular. O modo com que a Educação Física é oferecida na escola contribui muito pouco para a formação de um estilo de vida ativo e saudável que apresente impacto positivo na qualidade de vida dos escolares. Necessário uma reengenharia na disciplina, que transforme aulas sem objetivos definidos em “programas” voltados ao desenvolvimento de habilidades motoras, consciência corporal, hábitos saudáveis e formação de valores humanos para os alunos.

### **REFERENCES**

CATUNDA, Ricardo. **Educação Física Escolar e o Desenvolvimento de Cultura para o Estilo de Vida Ativo**. Dissertação (Mestrado) – Universidade de Fortaleza, 2003.

GARCIA, R.; QUEIRÓS, P. A educação física escolar e os novos valores. **Motricidade Online**. Disponível em: <http://www.motricidade.com>. Acesso em: 19.11.2011.

GUEDES, D.P.; GUEDES, J.E.R.P. Associação entre variáveis do aspecto morfológico e desempenho motor em crianças e adolescentes. **Revista Paulista de Educação Física**, São Paulo, v.10, n.2, p.99-112, 1996.

KUNZ, Elenor. **Transformação didático-pedagógico do esporte**. 7. ed. Ijuí: Unijuí, 2006.

SAMULSKI, D. M. **Psicologia do esporte**. 1. ed. Barueri: Ed. Manole, 2002.  
Rua; Clemente e Silva, 800 – Mondubim – Fortaleza, CE. [ricardo.catunda@uece.br](mailto:ricardo.catunda@uece.br)